

Escolas estão superlotadas em São Paulo

Relatório diz que 40,3% das escolas estaduais têm alunos demais e professores de menos

JOAQUIM DE CARVALHO

Um relatório preparado pelo ex-secretário adjunto de Educação do estado Antônio de Souza Teixeira Júnior revela que 40,3% das escolas estaduais da Grande São Paulo — 849 estabelecimentos — funcionam com mais alunos do que poderiam atender. Sete desses estabelecimentos chegam a ter sete turnos diários — o ideal é três. Com isso, a permanência da criança nas escolas cai de quatro horas e meia para apenas duas horas.

Teixeira, que foi o principal auxiliar do ex-secretário de Educação José Goldemberg, faz outras revelações inquietantes sobre a educação pública em São Paulo. Ele diz que, em 1989, 50 mil aulas deixaram de ser oferecidas pelas escolas públicas por falta de professores. Segundo Teixeira, a baixa qualidade do ensino é a responsável pela elevada taxa de reprovação na rede pública. Em 1988, por exemplo, 25% dos estudantes da quinta série não conseguiram passar de ano.

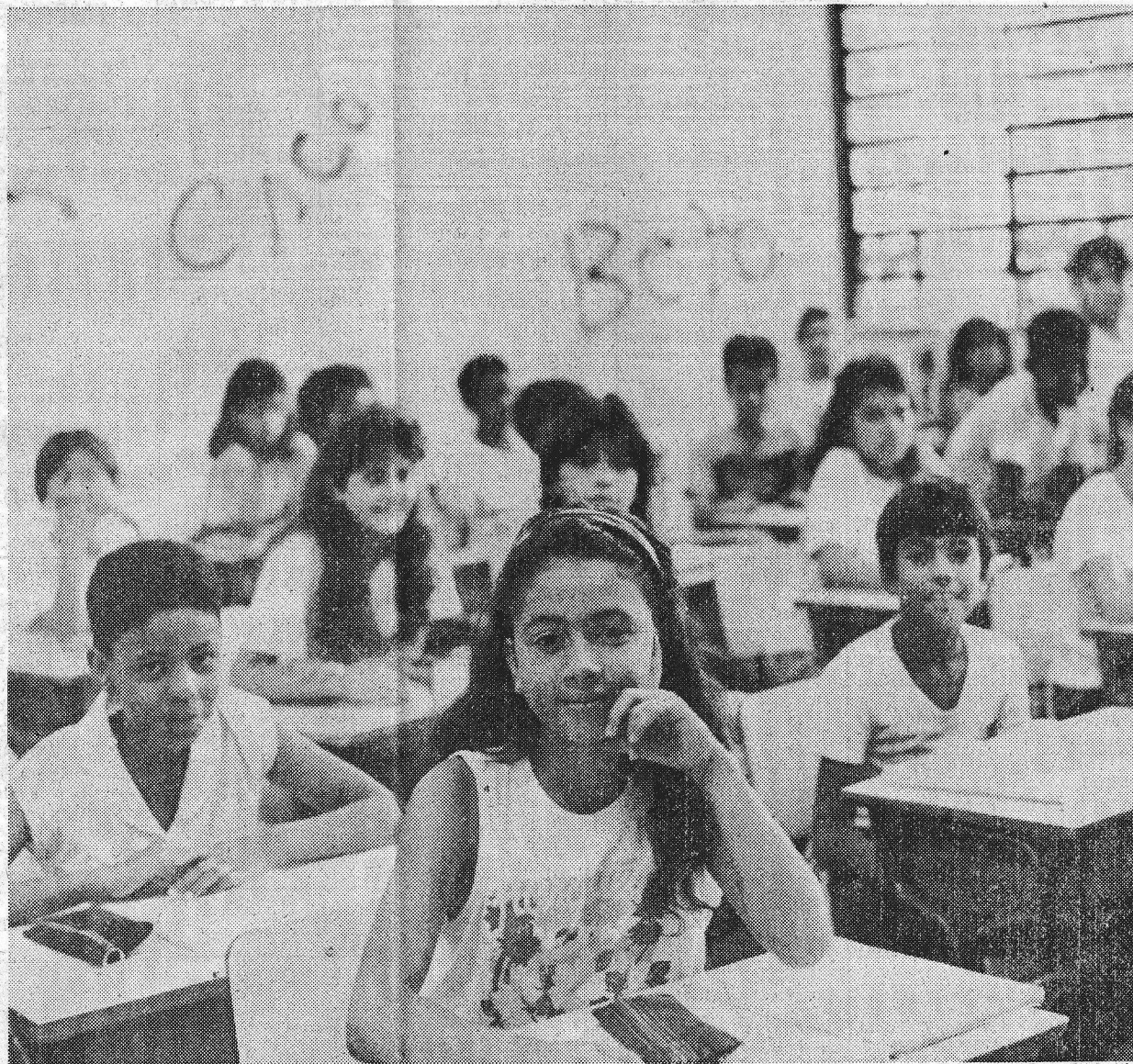
O ex-secretário adjunto, atualmente diretor da Finep, Agência Federal de Pesquisas, afirma, contudo, que em termos relativos a Secretaria de Educação tem uma eficiência de 95% no atendimento escolar. Teixeira lembra que, enquanto na Grande São Paulo 849, das 2.108 escolas, estão superlotadas, há 114 estabelecimentos de ensino no Interior que funcio-

nam com apenas um turno de aula por dia. "O que perturba a estrutura global são as modificações que ocorrem muito rapidamente na distribuição das populações", analisa. O crescimento urbano é determinado também pela construção de novos conjuntos habitacionais. "Esse problema seria menos grave se houvesse a obrigação de construção de edifícios escolares por parte de quem constrói esses conjuntos".

O professor João Felício, presidente da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), diz que os dados referentes à falta de professores em 1989 coincidem com a avaliação da entidade. Felício acha, entretanto, que neste ano será ainda maior o número de aulas não oferecidas por lacunas no magistério.

"A Secretaria de Educação sabe que, dia após dia, aumenta a falta de professores", afirma. Segundo ele, a oferta de vagas no magistério público supera a procura devido ao padrão salarial. Por 20 horas semanais de trabalho, um docente do Estado em início de carreira ganha hoje Crs 8.128,00, salário menor do que recebem seus colegas em outros 11 Estados do Brasil.

Francisco Poli, secretário-geral da Udemo, Associação dos Diretores de Escolas Públicas, afirma que a superlotação das escolas da Grande São Paulo seria eliminada se houvesse vontade política do Governo do Estado. "O Interior vive uma situação mais tranqüila em relação ao número de vagas porque houve mais construções lá", compara.



Darcy Cardoso/AE

Escola da periferia de São Paulo: superlotação reduz jornada para duas horas diárias